Capítulo 18
O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica

Marcia Moraes

No século XIX, as pesquisas em psicologia eram marcadas pela tese de que a experiência psicológica – fosse ela mnêmica ou perceptiva – deveria ser analisada a partir de sua relação com o mundo físico, definido de um ponto de vista mecanicista. O mundo físico sobre o qual se erguia o terreno da experiência era afirmado como campo da extensão e do movimento, do qual estavam excluídas quaisquer características de sentido, valor ou ordem. Tratava-se de um mundo definido por relações mecânicas que em nada se assemelhavam ao que nós, sujeitos ingênuos, experimentamos em nossa percepção ordinária. Através de nossa experiência perceptiva vemos um mundo pleno de sentido, de valor, de ordem. O desafio da psicologia no século XIX era encontrar parâmetros que permitissem uma investigação experimental da experiência psicológica. O que estava em jogo nessa investigação era a definição da experiência como uma parte do mundo físico, entre outras questões.

Nesse referencial, duas noções eram fundamentais: de um lado, a noção de sensação e, de outro lado, a hipótese da constância. Na psicologia do século XIX, a noção de sensação era entendida como o substrato de toda e qualquer experiência psicológica. A sensação era vista como um acontecimento fisiológico provocado pelo estímulo físico. Desse modo, a sensação é ao mesmo tempo física – porque provocada por um excitante externo –, fisiológica – porque dessa excitação resulta uma modificação do corpo –, e psicológica – porque a experiência psicológica tem na sensação o seu fundamento. A sensação é, portanto, um conceito-chave para o estabelecimento da relação entre a experiência e o mundo físico. Na medida em que é um acontecimento fisiológico, a sensação demarca que o vínculo entre o percebido e o dado objetivo se faz apenas por intermédio do organismo fisiológico. De fato,

o organismo fisiológico marca não só uma naturalização da questão da experiência, senão também uma possibilidade de dar conta cientificamente da relação entre os dois domínios de conhecimento separados desde a FÍSICA DE GALILEU, a experiência e a realidade objetiva.

A FÍSICA mecanicista do século XVII inaugura importante distinção, que será retomada pela psicologia dois séculos depois. Trata-se da distinção entre a verdadeira realidade e o conteúdo da percepção. Dito de outro modo, a verdadeira realidade não se identifica com o conteúdo da percepção, mas decorre do exercício de um cálculo. Assim, para se conhecer a verdadeira realidade é necessário reduzir as ilusões da experiência sensível usual a fim de se chegar ao conhecimento matemático, responsável pelo conhecimento da verdadeira realidade. A física de Galileu é considerada um marco epistemológico fundamental para o estabelecimento desta distinção.

A hipótese da constância resume o princípio acima descrito, ao afirmar que a excitabilidade de um elemento nervoso é invariante com relação a um certo excitante. A sensação situa-se, assim, no entroncamento da psicologia com a física e a fisiologia. Isso porque a sensação, como qualidade subjetiva, é concomitante a uma excitação nervosa que, por sua vez, é resultante da exposição do organismo fisiológico aos acontecimentos físicos excitantes. Além disso, a sensação está ligada apenas a uma excitação local, o que significa dizer que a excitação fisiológica em um elemento nervoso não é modificada pelo que se passa nos elementos vizinhos.

O declínio da noção de sensação

No final do século XIX, iniciou-se na psicologia um movimento centrado na tese de que o estudo da experiência deveria incidir sobre algo mais do que as sensações. É certo que esta tese já estava presente nos trabalhos de Wundt, em particular naqueles dedicados à psicologia dos povos. No entanto, no final do século XIX e início do século XX, uma polêmica marca o campo da psicologia: aquela que consistia na distinção entre atos e conteúdos da experiência. Ainda que reconhecendo os limites da sensação para a definição da experiência psicológica, Wundt admitia ser a sensação um conteúdo da experiência. Diferentemente deste enfoque, Franz BRENTANO afirmava uma distinção entre os atos e os conteúdos da experiência. Para ele os conteúdos não seriam psíquicos, mas físicos. A psicologia deveria investigar não o conteúdo da experiência, não as representações, mas sim o ato de representar. A distinção entre ato e conteúdo tornou-se fundamental para a compreensão da experiência psicológica.

FRANZ BRENTANO (1838-1917), filósofo alemão dedicou parte da vida ao sacerdócio, o qual deixou no ano de 1873. No período de 1866 até 1873 foi professor de filosofia em Wurzburgo. Em 1874 tornou-se professor de filosofia em Viena. Nesse mesmo ano publicou seu famoso livro *A psicologia do ponto de vista empírico*.

A Escola de Wurzburgo, no início do século XX, sob a influência de Brentano, afirmava a existência do pensamento

sem imagem, passível de ser estudado através da introspecção experimental. Afirmar a existência de um pensamento sem imagem era ir de encontro a toda tradição da psicologia do conteúdo que acreditava que o pensamento, assim como a experiência psicológica, era em maior ou menor medida herdeiro da sensação.

Foi no contexto dessa distinção entre ato e conteúdo que a noção de estrutura começou a se desenhar como uma chave para o estudo da experiência, promovendo um deslocamento no campo das pesquisas: já não se tratava de definir a experiência através das sensações, mas sim de sublinhar a importância das relações entre as sensações. Esse deslocamento do foco de atenção das pesquisas é fundamental para que possamos compreender o alcance das pesquisas propostas pelo gestaltismo.

Na Áustria, von Ehrenfels chamava atenção para uma característica da experiência perceptiva, negligenciada nas pesquisas centradas na noção de sensação. Tomemos, por exemplo, uma melodia (A). Nós podemos transpô-la para outro tom, formando uma melodia (B). Nessa transposição de (A) para (B), todas as notas se alteram. No entanto, somos perfeitamente capazes de perceber a semelhança entre (A) e (B). Ora, se todos os elementos variam quando fazemos a transposição da melodia, por que somos capazes de reconhecer a semelhança entre (A) e (B)? Podemos, por exemplo, reconhecer a música *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, em qualquer tom que a executemos. Por que somos capazes de reconhecer a identidade da música mesmo quando alteramos o tom no qual a música é executada? A semelhança percebida não pode advir das sensações, dos elementos, já que todos os elementos se modificam quando ocorre a transposição de um tom para outro. Esta argumentação desenvolvida por Ehrenfels aponta para o limite da noção de sensação, ou seja, aponta para a existência de algo não redutível ao campo das sensações consideradas isoladamente. Von Ehrenfels chama de qualidades estruturais essas características da experiência que dizem respeito não aos elementos, mas às relações entre os elementos. Na transposição de (A) para (B), somos capazes de reconhecer a semelhança entre as melodias porque percebemos as relações entre os elementos, e não os elementos isoladamente.

Cristian von Ehrenfels (1859-1932) foi discípulo de Brentano em Viena. Trabalhou como professor em Graz (1885-1888), em Viena (1889-1896) e em Praga (1896-1900). Publicou em 1890 um artigo no qual introduziu o conceito de qualidades estruturais.

É interessante salientar que as qualidades estruturais pertencem ao campo da sensibilidade. São dados sensíveis, ainda que de ordem superior. Ehrenfels não supõe nenhuma atividade mental superior responsável pela

produção das qualidades estruturais. Elas são dados sensíveis que para ocorrerem dependem das sensações. Para Ehrenfels, as sensações são elementos autônomos e independentes que não são modificados quando entram em relação. Isso significa dizer que as qualidades estruturais não afetam os elementos sensoriais que lhes servem de apoio.

É certo que Ehrenfels amplia o campo da sensibilidade afirmando ser ele formado tanto por sensações quanto por qualidades estruturais. Neste sentido, é possível afirmar que a noção de qualidade estrutural demarca uma reação às teorias psicológicas que circunscreviam o estudo da experiência ao exame das sensações. A noção de qualidade estrutural é o fio condutor que nos permite compreender, de um lado, o progressivo declínio da noção de sensação como fundamento da experiência psicológica e, de outro lado, a crescente importância que a noção de forma ou estrutura vai assumindo nas pesquisas psicológicas. Nesse contexto, podemos situar a Escola de Graz e a Escola de Berlim como duas referências importantes para a redefinição da EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA.

Entre as escolas da forma podemos ainda mencionar a ESCOLA DE LEIPZIG. Representada principalmente por Felix Kruger (1874-1948), Friedrich Sander (1889-1971) e E. H. Volkelt (1886-1964), a Escola de Leipzig afirma a importância da noção de forma. No entanto, diferentemente da Escola de Berlim, a Escola de Leipzig, influenciada pelas idéias evolucionistas, procura remontar às formas primitivas da consciência. Estas são definidas como totalidades primitivas e difusas, fortemente marcadas por aspectos afetivos.

A Escola de Graz

O filósofo ALEXIUS VON MEINONG leu e publicou os seus comentários sobre o artigo de Ehrenfels que tratava das qualidades estruturais. Em seu comentário, Meinong concordava em muitos pontos com a perspectiva de Ehrenfels. Para Meinong, assim como para Ehrenfels, a experiência psicológica devia ser compreendida não apenas a partir dos seus elementos constituintes, mas principalmente através das relações entre esses elementos. Os trabalhos de Meinong orientaram as pesquisas experimentais desenvolvidas por BENUSSI e WITASEK, membros da Escola de Graz.

Em suas reflexões sobre a experiência psicológica, Meinong propôs uma distinção entre os objetos fundantes e os objetos fundados. Os objetos fundantes ou *inferiora* são os termos ou os elementos entre os quais se dá uma relação. Já os objetos fundados ou *superiora* são formados pelas relações entre os elementos. É importante levar em conta que os *superiora* dependem dos *inferiora*, isto é, se experimentamos relações, é

ALEXIUS VON MEINONG (1853-1920) estudou em Viena e em 1894 fundou o primeiro laboratório austríaco de psicologia. Foi o líder da Escola de Graz e seu mentor filosófico.

VITTORIO BENUSSI (1878-1927) esteve em Graz desde o ano de 1902 até o início da Primeira Guerra Mundial. Escreveu diversos artigos sobre percepção e sobre ilusões ópticas. Foi aluno de Meinong em Graz.

STEPHAN WITASEK (1870-1915), psicólogo austríaco, passou a sua vida acadêmica como professor em Graz. Publicou diversos trabalhos sobre percepção.

porque estas se fundam a partir dos elementos ou *inferiora*. Tomemos como exemplo as duas figuras abaixo.

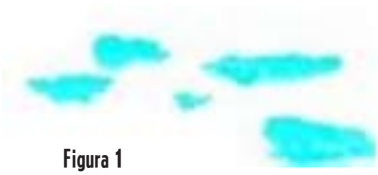

Figura 1

Figura 2

Podemos considerar que a figura 2 mantém com a figura 1 uma relação de semelhança. No entanto, Meinong adverte que a relação de semelhança entre as figuras (*superiora*) não tem a mesma existência que as figuras. Dito de outro modo, não há um existente real, um estímulo físico, que consista em ser semelhança entre as figuras. Por isso, o autor afirma que os *superiora* não existem do mesmo modo que os *inferiora*. Eles são objetos ideais que derivam não da sensibilidade, mas sim de atividades intelectuais superiores. Esta afirmação é importante porque marca uma distinção entre o trabalho de Meinong e o de Ehrenfels. Meinong sublinha o papel do sujeito do conhecimento na produção das relações entre os elementos, enquanto Ehrenfels, como vimos, considera que as qualidades estruturais são sensíveis. Para indicar que esta afirmação de Ehrenfels carece de sentido, Meinong levanta o seguinte problema: como podemos supor que os *superiora* são dados da sensibilidade se não encontramos nenhum estímulo físico que a eles corresponda? Do ponto de vista da Escola de Graz, quando percebemos as figuras acima somos, de um lado, afetados por dados sensíveis que correspondem aos estímulos físicos. Trata-se neste ponto de uma afirmação do papel das sensações como elementos constitutivos da experiência psicológica. De outro lado, há um ato intelectual que produz uma relação de semelhança entre os elementos. Esse ato não encontra nenhuma correspondência com estímulos físicos, não sendo, portanto, oriundo da sensibilidade. A sensibilidade só pode originar sensações, quer dizer, elementos carentes de organização, de valor ou de ordem. Como conseqüência disso, a Escola de Graz afirma ser necessária uma atividade intelectual de produção de relações entre elementos sensíveis. Sendo produtos da atividade intelectual e não da excitação sensorial provocada pelos estímulos físicos, os *superiora* não têm a mesma existência que os *inferiora*. Enquanto estes são considerados reais, materiais, aqueles são considerados como objetos ideais.

Podemos dizer que há um ponto de concordância entre os membros da Escola de Graz e Ehrenfels, aquele que diz respeito à afirmação do papel autônomo e independente dos dados elementares. Para os membros de Graz, é nítida a autonomia dos *inferiora*, sobretudo pelo fato de que é possível a ocorrência destes sem que por isso ocorram os *superiora*. Mas é precisamente neste ponto que uma ressalva deve ser feita. Para os membros de Graz, uma vez que ocorra a atividade intelectual responsável pela produção dos *superiora*, ocorre também uma modificação entre os *inferiora*. Qual é a importância desta afirmação? Sua importância consiste em marcar mais um ponto no declínio da noção de sensação. Porque se de um lado tanto Ehrenfels quanto os membros de Graz aceitam a hipótese da constância, resguardando, portanto, a autonomia dos elementos sensoriais, de outro lado, a Escola de Graz afirma a possibilidade de que as relações – os *superiora* – alterem as sensações – os *inferiora*.

Neste caso, se considerarmos que a qualidade estrutural e os *superiora* apontam para os limites da noção de sensação, temos que considerar que os membros de Graz demarcam com mais firmeza esse limite, uma vez que afirmam que as relações entre os elementos podem alterar os próprios elementos. Desse modo, podemos dizer que a Escola de Berlim, ou o gestaltismo propriamente dito leva mais longe um movimento de crítica à noção de sensação que se desenhava no século XIX. A novidade do gestaltismo, como veremos, tem como ponto de partida uma recusa radical: a recusa de aceitar a sensação – e a hipótese da constância – como os fundamentos da experiência. O que temos que entender é o sentido positivo e o alcance dessa recusa para o estudo da experiência.

A Escola de Berlim

Diferentemente da Escola de Graz e das afirmações de Ehrenfels, a Escola de Berlim, ou o gestaltismo propriamente dito, investiga a experiência psicológica tomando como referência não a noção de sensação, mas sim aquilo que aparece tal e qual aparece na experiência perceptiva do sujeito ingênuo. O que significa esta afirmativa? Significa que para os integrantes da Escola de Berlim a tarefa da psicologia é dar conta da percepção tal como é vivenciada por cada um de nós. Nossa experiência perceptiva é marcada por relações de sentido e de valor e não apenas por um acúmulo de sensações. Os principais integrantes da Escola de Berlim foram Wolfang Kohler, Max Wertheimer e Kurt Koffka.

Wolfang Kohler (1887-1967). Obteve seu doutorado em Berlim com uma tese sobre psicoacústica orientada por Stumpf. Em Frankfurt Kohler conheceu Wertheimer e Koffka. Em 1913 foi para a África realizar pesquisas sobre a cognição dos chimpanzés. A Primeira Guerra Mundial retardou o retorno de Kohler à Alemanha, o que só ocorreu nos anos 1920. Em 1934 Kohler foi para os Estados Unidos e em 1959 foi eleito presidente da American Psychological Association. Com a morte de Wertheimer e de Koffka, Kohler tornou-se o principal porta-voz da Escola de Berlim.

Max Wertheimer (1880-1943) nasceu em Praga. Em 1904 concluiu seu doutorado em Wurzburgo. Conduziu diversos experimentos sobre percepção. Em 1933, com a ascensão do nazismo, Wertheimer deixou a Alemanha e foi para os Estados Unidos. Seu livro *O pensamento produtivo* foi publicado postumamente em 1945.

Kurt Koffka (1886-1941) nasceu em Berlim. Psicólogo, foi co-fundador, junto com Kohler e Wertheimer, do gestaltismo. Entre os anos de 1911 e 1924 esteve associado à Universidade de Giessen e serviu como sujeito dos experimentos nos trabalhos sobre percepção levados a cabo por Wertheimer. Em 1921 publicou *Die Grundlagen der psychischen Entwicklung*, livro que tratava de aplicar os princípios da psicologia da Gestalt ao problema da organização cognitiva das crianças. Em 1924 iniciou uma série de visitas aos Estados Unidos e em 1927 foi nomeado professor de psicologia do Smith College em Northampton, onde trabalhou até a sua morte. Em 1935 publicou *Principles of Gestalt Psychology*.

Vale destacar que o fato de que os principais autores gestaltistas tenham emigrado para os Estados Unidos e, neste país, ido para diferentes lugares é apontado por alguns pesquisadores como uma das causas de uma certa dispersão e mesmo do declínio do gestaltismo no século XX.

O aspecto significativo da experiência foi apontado por Max Wertheimer em 1912 quando estudava a percepção do movimento. Considere dois focos de luz (A) e (B) próximos no espaço. Se acendermos (A) e, após um intervalo de tempo de 30 a 200 milésimos de segundo, acendermos (B), perceberemos um movimento que "vai de (A) para (B)". É o que ocorre, por exemplo, quando vamos ao cinema. Sabemos que o filme é composto por fotogramas separados que quando apresentados numa certa relação de proximidade temporal, resultam na percepção do movimento. Segundo Wertheimer, a percepção do movimento implica uma experiência interessante e instrutiva para as pesquisas psicológicas porque tal compreensão não se faz através da noção de sensação, já que, como vimos, as sensações são desprovidas de sentido, de ordem, e na percepção do movimento experimentamos naquilo que é percebido uma relação de sentido, de pertinência. Para Wertheimer, essa experiência perceptiva tampouco pode ser explicada através de uma atividade intelectual capaz de produzir relações entre as sensações. Isso porque, seguindo o ponto de vista do sujeito ingênuo, a ordem é experimentada como uma relação inerente ao percebido, sem que seja necessário recorrer a qualquer atividade intelectual para produzi-la. Desse modo, Wertheimer levanta o problema da organização da experiência psicológica sem fazer menção nem à noção de sensação, nem à hipótese da constância, nem à idéia de síntese, isto é, um tipo de vínculo entre as sensações que é produzido por uma atividade intelectual, tal como ocorre, por exemplo, na opinião dos integrantes da Escola de Graz.

Ao recusar a hipótese da constância como eixo explicativo para o problema da experiência, o gestaltismo afirma um novo léxico, no qual este problema deve ser traduzido. Já não se trata mais de referir o percebido a

um dado físico preconcebido como verdadeiro. Ao contrário, trata-se de ler no próprio percebido o sentido que ele intrinsecamente revela. O estudo da experiência nos parâmetros gestaltistas implica de saída não uma adequação a um dado físico, mas sim a explicitação do sentido intrínseco que o percebido assume na perspectiva do sujeito ingênuo. Mais do que puramente negativa, a recusa da hipótese da constância possui um caráter positivo: inaugura o mundo percebido como um espaço legítimo de conhecimento. O gestaltismo recusa a diluição desse espaço percebido num universo de relações formais, arbitrárias e mecânicas. Há aí a recusa de um preconceito: o preconceito de referir – talvez não fosse exagerado dizer reduzir – o espaço psicológico ao espaço físico. Negando esse pré-juízo, o que se afirma é a autenticidade do fenômeno psicológico tal e como se revela na perspectiva do leigo, do homem comum.

A este respeito vale a pena mencionar o filme *Boulevard do crime* – Primeira Parte, de Marcel Carné. Em uma das cenas desse filme, uma moça é acusada de furtar a carteira de um rapaz. O policial se aproxima da moça para prendê-la, mas é surpreendido pelo "testemunho" de um mímico que presenciou o episódio do furto. O mímico encena o acontecido. Tal encenação, longe de ser uma cópia fiel do fato, inaugura um campo de conhecimento inteiramente inédito. O "testemunho", nesse caso, vai além do fato objetivo, produzindo um campo novo para a experiência do furto. É interessante que no filme esse testemunho é o que serve de referência para a decisão do policial: a moça é considerada inocente e o verdadeiro culpado é preso. Do ponto de vista da psicologia da gestalt, podemos dizer que a encenação apresentada pelo mímico abarca o campo da experiência tal como é percebida pelos sujeitos ingênuos. Para a psicologia, não se trata de referir esse campo da experiência – que Koffka (1975) chama de campo fenomenal – ao universo físico e objetivo. Ao contrário, é no campo da experiência, daquilo que nós percebemos tal e como percebemos, que nós nos comportamos, agimos e nos emocionamos. Podemos dizer, portanto, que a moça, o ladrão, o policial e a carteira roubada são partes de uma mesma experiência – aquela que é encenada pelo mímico. Para o gestaltismo, nossa experiência perceptiva do mundo é como a encenação do mímico: o seu sentido é *per se*.

A psicologia da Gestalt, por oposição à orientação clássica em psicologia, caracteriza-se por promover uma integração entre ciência e experiência. Na perspectiva clássica, presente tanto nos trabalhos de Ehrenfels quanto nos da Escola de Graz, havia um distanciamento entre o universo científico e o universo percebido. Tal distanciamento seria responsável por um esvaziamento

dos conceitos científicos, isto é, estes ficariam restritos ao laboratório. Ao reverter a orientação metódica da psicologia propondo como seu primeiro passo a descrição das vivências, o gestaltismo propõe mais do que uma simples inversão metodológica. É a própria concepção de cientificidade da psicologia que é modificada. A ciência psicológica ergue-se a partir de questões propostas no âmbito mesmo das vivências psicológicas. Assim, a concepção de ciência proposta pelo gestaltismo, longe de ser importada de um modelo físico preconcebido, é abstraída de questões referidas intrinsecamente ao fenômeno psicológico. A novidade do gestaltismo reside nessa nova relação entre ciência e vida – e note-se que vida, neste caso, tem o mesmo sentido que vivência. Esse compromisso gestaltista é explicitado por Koffka (1975), ao afirmar que cabe à psicologia apontar o caminho onde a ciência e a vida hão de se encontrar.

O método fenomenológico-descritivo é a via pela qual o gestaltismo incorpora o percebido enquanto tal à ciência psicológica. No âmbito desse método, o primeiro passo da investigação científica é a descrição do fenômeno psicológico, isto é, daquilo que aparece tal e como aparece na perspectiva do leigo. À medida que, do ponto de vista do sujeito ingênuo, o percebido é imediatamente organizado e significativo, cabe à descrição fenomenológica explicitar a organização intrínseca ao percebido, indicando existir uma ordem, uma razão que é interna ao domínio da sensibilidade. Desse modo, o gestaltismo recusa a dicotomia clássica entre razão e sensibilidade.

O sentido da palavra *Gestalt* adotada por Kohler (1980), e pelos outros representantes da Escola de Berlim, expressa o caráter imanente e autóctone da organização. Na língua alemã, a palavra *Gestalt* possui dois significados: "além do sentido de forma ou feitio como atributo de coisas, tem a significação de uma unidade concreta *per se*…" (Kohler, 1980: 104). Assim sendo, não há um primeiro momento a-significativo – arbitrariamente considerado como objetivo. As representações são de saída organizadas e significativas e se apresentam na perspectiva do leigo apenas deste modo. É neste ponto que podemos dizer que o gestaltismo rompe com as perspectivas anteriores que lidavam com a noção de forma ou estrutura numa dimensão adjetiva ou qualitativa, isto é, como relações que se sobrepõem ao plano das sensações. Para o gestaltismo, a experiência é imediatamente organizada. O que percebemos são relações e não sensações. Desse modo, podemos dizer que para o gestaltismo, a forma é substantiva e não adjetiva.

O sentido intrínseco à experiência é expresso através de uma relação fundamental que é aquela que existe entre a figura e o fundo. Essa relação

expressa uma heterogeneidade mínima sem a qual não há cognição possível. Ao destacar-se de um fundo, a figura delimita-se como o objeto representado. Num espaço onde não exista a distinção entre figura e fundo não há conhecimento – já que qualquer conhecimento é conhecimento de alguma coisa. Para a Escola de Berlim, o objeto representado é o resultado de uma organização interna do domínio da experiência.

A organização interna da figura é explicada pela relação parte/todo – que se pode considerar um caso particular da relação figura/fundo. Uma parte se define pela função que desempenha na estrutura na qual está inserida. Uma parte articulada em um todo é diferente dessa "mesma" parte isolada ou em outra totalidade. À medida que possui um significado relativo, dependente da estrutura, pode-se dizer que a parte possui um significado funcional, isto é, seu significado decorre da sua posição em uma estrutura dada.

Importa salientar que a noção de parte não se confunde com a noção clássica de elemento ou sensação. Esta é neutra quanto a qualquer sentido; a parte, ao contrário, é sempre significativa, já que ser significativa é uma característica essencial, inerente à sua própria definição. Além disso, as diversas partes que compõem uma estrutura não se relacionam arbitrariamente. Há entre todas elas uma relação intrínseca e necessária, pois cada uma só tem seu sentido em relação à outra. Portanto, o percebido ou o representado possui um sentido intrínseco, coerente e não arbitrário. A relação funcional entre as partes caracteriza uma relação de "coesão interna" radicalmente diversa de uma pura associação de elementos díspares. Enquanto a associação liga elementos estranhos entre si, a coesão interna une partes que se exigem mutuamente numa dinâmica funcional.

Para o gestaltismo, é a lei da boa forma que expressa a organização das estruturas, ao afirmar que uma estrutura dada possui a tendência de revelar as características que a distinguem de uma forma tão completa quanto as condições do momento permitam. Essa lei realiza-se através de diversos princípios tais como proximidade, semelhança, fechamento, continuação apropriada entre outros. Em todos esses princípios pode-se notar um denominador comum: as possibilidades da experiência ultrapassam aquilo que é dado pelo excitante físico. A experiência, longe de marcar uma pura reapresentação do dado, marca a produção de um domínio peculiar e inédito que tem no excitante uma causa distante mais do que um modelo do qual partir.

O princípio do fechamento é uma decorrência dinâmica da boa forma e se expressa pela tendência apresentada pelas formas imperfeitas a se completarem, alcançando um maior grau de estabilidade e regularidade. O

princípio da continuação apropriada indica a tendência de continuidade de uma figura na direção mais equilibrada possível.

A Escola de Berlim e o retorno à experiência

É possível traçar um paralelo entre a autenticidade do vivido e aquela do espaço ficcional tal como produzido, por exemplo, na experiência do cinema. A história narrada num filme não possui seu sentido tão-somente pela alusão a acontecimentos e fatos reais. O sentido do filme é incorporado ao seu próprio ritmo, da mesma maneira que o sentido de um gesto é legível nele mesmo. O espaço ficcional engendra uma dimensão de sentido que lhe é própria. O que está em jogo, neste caso, não é a referência à realidade da mesma, mas sim a produção de um espaço de sentido inédito. Assim, o filme é mais percebido do que pensado. Do mesmo modo, o campo do vivido revela um sentido inédito e coerente. Esse campo é formado por relações inteligíveis, compreensíveis. A noção de *insight* ou discernimento, proposta pelo gestaltismo, expressa essa inteligibilidade imanente do mundo percebido. O campo vivido revela diretamente o seu sentido e é apenas enquanto tal que ele deve ser tomado como o ponto de partida inequívoco da ciência psicológica. Podemos então concluir ser o gestaltismo um retorno à experiência. Não à experiência fundada na sensação, acessível apenas ao olhar do cientista treinado, mas à experiência do sujeito ingênuo, ao mundo percebido, pleno de sentido, de valor e de ordem.

O isomorfismo psicofisiológico proposto pela Escola de Berlim

Neste ponto, é importante levantarmos algumas questões: qual o alcance da descrição da experiência proposta pela Escola de Berlim? Seriam as descrições suficientes para uma investigação científica da experiência?

A descrição da experiência tal como é vivida pelo leigo não faz da psicologia uma ciência natural. Isso porque apenas o senso comum convive com descrições sem buscar explicá-las. O que confere especificidade às descrições propostas pela Escola de Berlim é o fato de serem acompanhadas de explicações. Para isso, o gestaltismo recorre a teses acerca do funcionamento do sistema nervoso.

O ponto de vista gestaltista sobre os vividos baseia-se em duas questões cruciais. A primeira diz respeito às conexões significativas entre parte/todo, conexões estabelecidas não pela mera coexistência de elementos contíguos, mas sim na essência dos todos envolvidos. A segunda questão refere-se à necessidade de se adotar um ponto de vista psicofísico capaz de explicar o porquê de tais laços de sentido entre todos e partes. Furtar-se a adotar a perspectiva psicofísica implica um desconhecimento da especificidade do saber psicológico perante qualquer outro saber a respeito das vivências. A ciência psicológica, por mais que se fie nas experiências psicológicas, procura ir além destas, buscando explicações.

A atitude específica da psicologia diante das vivências corresponde a um ponto de vista explicativo. Koffka (1924) afirma que a proposta metodológica da teoria da forma consiste em derivar "fatos explicativos" dos "fatos descritivos". Neste sentido, podemos dizer que o gestaltismo lança mão da hipótese do isomorfismo psicofísico para dar conta de explicar aquilo que ocorre no plano das vivências. Lembremos que o termo isomorfismo indica a idéia de uma "mesma" (iso-) "forma" (-morfismo). Assim sendo, do ponto de vista do isomorfismo, os processos psicofísicos são marcados por uma identidade de forma, isto é, há uma homogeneidade de estruturas entre o fenômeno psicológico e o acontecimento fisiológico. O funcionamento do sistema nervoso opera segundo uma dinâmica isomórfica àquela descrita no domínio das vivências. O isomorfismo psicofísico é um princípio estrutural: há uma identidade de estruturas entre o percepto e o evento cerebral. Não está em jogo, neste caso, uma "imagem cerebral" que copie o dado fenomenal. A fisiologia nervosa supõe correntes elétricas que, através de diferenças de potencial, delimitam domínios heterogêneos correlatos àqueles que se apresentam no plano do vivido. Assim, à relação entre figura e fundo corresponde uma diferença de potencial no domínio fisiológico. Trata-se, portanto, de uma semelhança mais de estruturas ou de formas do que de conteúdos.

A concepção de uma fisiologia dinâmica – e não mecânica e associativa como supunham Ehrenfels e os membros da Escola de Graz – não é ocasional. A Escola de Berlim parte daquilo que é revelado no fato descritivo para então formular suas hipóteses explicativas. A concepção fisiológica é assim exigida pelo fato descritivo. Visto que na perspectiva do leigo sua experiência é imediatamente organizada, seria um contra-senso supor uma fundamentação fisiológica distinta do que se mostra no percebido. Entre a fisiologia da sensação, parâmetro da cientificidade nas pesquisas clássicas em

psicologia, e a experiência do sujeito ingênuo há uma relação de ruptura. Assim, a relação entre a experiência e o fisiológico era meramente factual, arbitrária. Na concepção gestaltista, a relação entre fisiologia e psicologia não pode ser puramente factual, arbitrária. Há entre ambas uma relação racional e coerente. Desse modo, podemos considerar as descrições da experiência como dados para a elaboração concreta de hipóteses fisiológicas.

Para os gestaltistas, que pretendem definir a psicologia a como ciência da experiência, o conceito de campo é crucial. Segundo este conceito, proposto e desenvolvido na física por MAXWELL, o comportamento dos corpos é determinado pela distribuição de tensões gravitacionais e eletromagnéticas. Campo e experiência são correlatos de tal modo que a segunda pode ser utilizada como indicador das propriedades do primeiro. Assim sendo, no caso da psicologia, pode-se partir da experiência, do vivido, para se chegar às propriedades do campo fisiológico que a fundamentam. A Escola de Berlim pretende integrar a psicologia no domínio das ciências naturais, sem que com isso seja necessário abrir mão das noções de significação, valor e ordem explicitadas no fato descritivo. Partindo de uma descrição da experiência, a Escola de Berlim afirma o fato explicativo em torno do conceito de campo psicofisiológico. O funcionamento dinâmico do sistema nervoso central é isomórfico em relação às estruturas vividas e, mais do que isso, constitui o aspecto explicativo do vivido. A relação isomórfica entre o psíquico, o fisiológico e o físico marca um monismo de princípios de tal modo que, no plano das explicações finais, há apenas um universo de discurso sobre o qual se situam as ciências naturais. O sentido vivido concretamente não pode ser descartado em favor de explicações fisiológicas. Trata-se, neste caso, de diferentes níveis de concreção da forma. Em cada nível há uma especificidade de relações que, embora ocorram segundo os mesmos princípios, não podem ser reduzidas umas às outras. A descrição das experiências não é reduzida à fisiologia do sistema nervoso, ainda que tanto em um nível como no outro haja uma identidade de princípios dinâmicos.

JAMES CLERK MAXWELL (1831-1879), físico britânico. Sua obra mais importante foi o *Tratado sobre eletricidade e magnetismo*, publicado em 1873. Nessa obra, o autor descreve a natureza dos campos eletromagnéticos em termos de espaço e tempo.

Koffka (1924) salienta que a referência à fisiologia é um fato essencial no espaço psicológico. O equívoco da psicologia clássica não consistia em se referir à física ou à fisiologia, mas sim em aceitar um modelo preconcebido de funcionamento nervoso, o que resultava numa dicotomia entre o universo psicológico e o universo das sensações. A proposta de uma relação isomórfica entre esses universos marca uma nova concepção da cientificidade da

psicologia, ou, o que dá no mesmo, uma nova relação da psicologia com outras disciplinas, especialmente a física e a fisiologia.

Um estudo completo do problema da experiência nos marcos da Escola de Berlim comporta uma referência não só ao domínio do vivido, mas também ao plano psicofisiológico. A dicotomia entre consciência e mundo, presente na psicologia clássica, está diferentemente colocada no sistema gestaltista. A psicologia clássica partia de um preconceito estabelecido pela hipótese da constância. Esta demarcava um tipo de laço entre o psíquico e o físico – um vínculo associativo e arbitrário. Todo estudo da experiência em termos clássicos é marcado por esse preconceito específico acerca do mundo objetivo ao qual se referia a experiência psicológica. A teoria da gestalt rejeita tal preconceito, sem que isso signifique uma recusa radical da relação do psicológico com o físico e o fisiológico. Há a recusa de um tipo específico de relação, e em seu lugar é afirmada uma relação isomórfica. É certo que há nessa alternativa uma renovação da definição da psicologia como ciência. Mas, em ambos os casos, trata-se de uma ciência psicológica, e, neste sentido, a referência à física e à fisiologia é pertinente como uma via de naturalização da experiência. Sem tal referência, o estudo psicológico não estaria integrado ao domínio das ciências naturais. Na discussão entre a orientação clássica em psicologia e o gestaltismo não está em jogo se o espaço psicológico é ou não referido ao fisiológico, mas sim como essa referência é afirmada. A novidade da Escola de Berlim é garantir a irredutibilidade da psicologia num marco científico-natural.

Desse modo, se tivéssemos que definir numa frase a novidade do gestaltismo no que diz respeito ao estudo da experiência, diríamos que o gestaltismo é um sistema em psicologia que propõe uma integração entre a experiência e a natureza. O fato descritivo e o fato funcional são, pois, duas faces da mesma moeda.

Os destinos do gestaltismo

As conseqüências do gestaltismo para a psicologia se fizeram notar mais por suas contribuições descritivas do que explicativas. Muitas foram as frentes de pesquisa abertas sob a influência da noção de forma e da afirmação da importância da totalidade sobre as partes. Nesta seção apresento alguns destinos do gestaltismo, sem, no entanto, pretender esgotar todas as possíveis ressonâncias produzidas pela Escola de Berlim no campo da psicologia no século XX. Nesta medida, merecem destaque os trabalhos de Kurt

Lewin. Alemão, Lewin emigrou para os Estados Unidos onde ficou conhecido pela proposição da teoria de campo. Segundo esta teoria, o comportamento humano é função tanto das características da pessoa quanto daquelas do meio onde a pessoa está inserida. Isto indica que nós não agimos apenas em função de nossos impulsos, mas em função também do meio no qual estamos inseridos. O programa de pesquisas inaugurado por Lewin teve conseqüências para o desenvolvimento da dinâmica de grupo e para as pesquisas na área de motivação social. Um dos méritos do trabalho de Lewin foi o de ter deslocado as pesquisas em psicologia do espaço restrito dos laboratórios para o contexto social. Centrado na tese gestaltista que afirmava a importância do todo sobre as partes, os trabalhos de Lewin produziram grande impacto na psicologia social americana. Neste aspecto destacam-se as teorias do equilíbrio, proposta por Fritz Heider (1896-1988), e da dissonância cognitiva, presente nos textos de Leon Festinger (1919-1989). No entanto, vale destacar que diferentemente da proposta de Lewin de afirmar a importância de uma psicologia vinculada ao contexto social, a psicologia social americana desenvolveu-se em boa parte como psicologia social a-histórica e individualista. No Brasil, a psicologia social foi bastante marcada por essa influência americana até os anos 1960 e 1970. A partir dessa época a psicologia social brasileira é marcada por debates e discussões que, em maior ou menor medida, retomam as idéias de Lewin, particularmente no que diz respeito à inserção da psicologia nos contextos social e político e à proposição de uma psicologia histórica.

Kurt Lewin (1890-1947) nasceu na Alemanha e permaneceu em Berlim durante boa parte de sua vida acadêmica. No ano de 1932 Lewin foi para os Estados Unidos. O fato de ser judeu teve repercussão em sua obra, principalmente no que diz respeito ao trabalho com grupos minoritários. Além disso, a dinâmica de grupo, fundada nas perspectivas propostas por Lewin, teve ampla repercussão nas práticas psicológicas, particularmente naquelas ligadas à atuação do psicólogo nas empresas. Merece destaque o fato de Lewin ter sido um dos primeiros pesquisadores em psicologia a problematizar a relação entre pesquisador e pesquisado, apontando o papel ativo do pesquisador e sua inter-relação com o campo pesquisado. Por essa via, o autor abriu o terreno para a metodologia da pesquisa-intervenção, amplamente utilizada na psicologia comunitária, que tem como um de seus parâmetros a afirmação da relação recíproca entre sujeito e objeto na prática da pesquisa.

A noção de estrutura tal como afirmada pelos integrantes da Escola de Berlim produziu efeitos também no campo da psicopatologia. Nesse domínio, os estudos de Gelb e Goldstein sobre a afasia sublinham a importância de considerar todo comportamento dos doentes, e

Kurt Goldstein (1878-1965). Psiquiatra alemão, lecionou nas Universidades de Frankfurt, Berlim, Harvard e Columbia. Atuou como médico psiquiatra em hospitais na Europa e nos Estados Unidos.

Adhemar Gelb (1887-1936). Trabalhou no Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim no período 1909-1912. Em 1929 foi diretor do Instituto de Psicologia de Frankfurt. Em 1933 emigrou para a Holanda.
Discípulo de Radecki, realizou inúmeros trabalhos experimentais nesta fase, tornando-se posteriormente adepto da fenomenologia.

não apenas o comportamento verbal, para compreender as alterações comportamentais de um paciente afásico. A noção de estrutura se faz notar quando Gelb e Goldstein afirmam que os afásicos não são homens nos quais há uma alteração da linguagem, são homens inteiramente modificados, inclusive em sua linguagem.

A Escola de Berlim serviu de referência para alguns autores que, como Rudolf Arnheim, se propuseram a fazer uma análise das relações entre a arte e a percepção visual. Arnheim utiliza-se das noções de forma e dos princípios de organização da forma para compreender a percepção visual no campo das artes plásticas. No Brasil, esta linha de pesquisa foi seguida por Fayga Ostrower (1920-2001), artista de renome internacional que por muitos anos se dedicou ao ensino da arte. Em seus trabalhos, Ostrower lançava mão do gestaltismo para analisar o modo como percebemos o mundo e, em particular, o modo como as obras de arte podem ser compreendidas através dos princípios de organização da forma. O caráter interdisciplinar das pesquisas de Ostrower indica a possibilidade de uma investigação da percepção na interface entre arte e ciência.

O gestaltismo influenciou também as pesquisas de importantes professores brasileiros. No Rio de Janeiro, Nilton Campos e Antônio Gomes Penna (1917-) difundiram as idéias gestaltistas através do ensino da psicologia e da publicação de inúmeros trabalhos sobre este tema. Já em São Paulo, o gestaltismo foi difundido através do trabalho de Arno Engelmann.

Nilton Campos (1898-1963): discípulo de Radecki, realizou muitos trabalhos experimentais nessa fase, tornando-se posteriormente adepto da fenomenologia.

No que diz respeito aos destinos do gestaltismo, parece-me existir uma linha interessante de pesquisa: aquela que consiste em seguir uma via de reflexão interdisciplinar, analisando a psicologia não apenas a partir de suas relações com as ciências naturais, mas também com outros domínios do saber, como, por exemplo, as artes plásticas. Nesse caso, abriríamos uma linha de pesquisa cujo eixo seria dado a partir das descrições propostas pela Escola de Berlim, em detrimento de suas explicações naturalistas. Mas talvez neste ponto devêssemos lançar uma pergunta que foi proposta por Aron Gurwitsch (1979): se considerarmos o gestaltismo apenas a partir das suas descrições, podemos afirmar que ainda somos gestaltistas?

Indicações bibliográficas e estéticas

No desenho *Horseman* disponível no site: http://www.cs.unc.edu/~davemc/Pic/Escher/Horsemen.jpg observamos a relação entre figura e fundo como condição da percepção. Trata-se de uma obra do artista gráfico M. C. Escher na qual há uma alternância entre o fundo – ora negro, ora branco – e as figuras percebidas – ora negras, ora brancas. Nessa figura, podemos observar ser a relação entre as figuras e o fundo a condição de possibilidade da experiência perceptiva.

O artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher nasceu em 17 de junho de 1898 e morreu em 27 de março de 1972. Em seu trabalho, explorava um mundo estranho de ilusão de ótica, trocadilhos visuais e perspectivas distorcidas. O trabalho de Escher combina humor, lógica e precisão meticulosa com artifício visual.

Na figura *Bond* disponível no site: http://www.cs.unc.edu/~davemc/Pic/Escher/Bond.gif percebemos dois rostos, ainda que estes sejam apresentados através de linhas interrompidas, ou seja, percebemos os rostos em função dos princípios de fechamento e de continuação apropriada. A partir das linhas apresentadas a figura indica uma direção na qual se fecha e se completa. O percebido é, portanto, o resultado de uma relação dinâmica entre o que se apresenta e o que se insinua.

Arnheim, R. (1984) *Arte e percepção visual – Uma psicologia da visão criadora.* 2ª ed. São Paulo: Pioneira.

Engelmann, A. (org.) (1978) *Kohler.* São Paulo: Ática.

Koffka, K. (1975) *Princípios de psicologia da Gestalt.* São Paulo: Cultrix/USP.

Kohler, W. (1980 [1947]) *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Wertheimer, M. (1980) Leis de Gestalt e fatores de organização. In: Sahakian, W. S. (org.) *Aprendizagem. Sistemas, modelos e teorias*. Rio de Janeiro: Interamericana.

Referências

Allport, F. H. (1955) *Theories of Perception and the Concept of Structure*. Nova York: J. Wiley & Sons.

Gibson, J. (1971) The legacies of Koffka's principles. *Journal of History of the Behavioral Sciences*, 7 (1).

Guillaume, P. (1960) *Psicologia da forma*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Gurwitsch, A. (1966) *Studies in Phenomenology and Psychology*. Nova York: University Press.

___ (1935) Developpement historique de la Gestalt-Psychologie. *Thalès*, ano 2: 167-176.

___ (1979) *El campo de la conciencia. Un análisis fenomenológico.* Madri: Alianza Editorial.

Henle, M. (1980) The influences of Gestalt Psychology in America. In: Rieber, R. W. e Salzinger, K. *Psychology, Theoretical-historical Perspectives*. Nova York: Academic Press.

Henle, M. (org.) (1971) *The Selected Papers of W. Kohler*. Nova York: Liveright.

Koffka, K. (1941) *Bases de la evolución psiquica.* Buenos Aires: Espasa-Calpe.

___ (1922) Perception: an introduction to the Gestalt-Theorie. *Psychological Bulletin* 19 (10).

___ (1924) Introspection and the method of psychology. *The British Journal of Psychology* 15 (2).

Kohler, W. (1969 [1920]) Physical gestalten. In: Ellis, W. D. (org.) *A Source Book of Gestalt Psychology*. Londres: Routledge e Kegan Paul Ltd.

___ (1938) *The Place of Value in a World of Facts*. Nova York: Liveright Publishing Corporation.

Mueller, F. (1978) Fenomenologia e psicologia. In: _____ *História da psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Ostrower, F. (1998) *A sensibilidade do intelecto. Visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência. A beleza essencial*. Rio de Janeiro: Campus.

Penna, A. G. (1982) *Introdução à história da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.